

O ensino/aprendizagem da História da Literatura no Curso de Biblioteconomia

The teaching/learning of the History of Literature in the Library Science curriculum

VERA LÚCIA DE C. CASA NOVA *

Considerações sobre o ensino da História da Literatura na formação do bibliotecário. Bases para discussão de métodos de leitura.

A idéia deste artigo me veio através das discussões iniciadas na Escola de Biblioteconomia da UFMG, quando numa das propostas em estudo do projeto de reforma curricular, aventou-se a hipótese da integração ou não integração da disciplina História da Literatura no currículo obrigatório.

A proposta é mostrar a importância dessa disciplina na formação do bibliotecário, bem como na de estudiosos das ciências sociais.

Os estudos de História da Literatura, nessa escola, oferecem aos alunos uma complementação, ou melhor, um alargamento de determinado conhecimento adquirido no 2º Grau, desde que se propõe despertar a consciência

* Professora da Faculdade de Letras da UFMG e Escola de Biblioteconomia da UFMG

para certos códigos cronológicos (datas de obras, participação sócio-cultural do escritor), tornando o aluno mais familiarizado com os títulos das obras lidas ou a serem lidas, ainda não sistematizadas em forma de conhecimento histórico.

Será que nossos alunos possuem realmente um conhecimento mínimo do discurso histórico-literário? Pelo que sei, a partir sobretudo de minha experiência no ensino de 2º Grau, os alunos têm somente uma visão geral, bastante superficial da historiografia literária brasileira, e assim mesmo, com muitas falhas, porque vistas a **vol d'oiseau**. O nível de ensino de 2º grau deixa a desejar com relação à teoria e prática do texto literário (e mesmo não-literário!).

Espaço e tempo são limites desconhecidos pelos alunos. Pesquisas feitas, recentemente, por jornais de grandes capitais brasileiras, corroboram a falta de conhecimento não só no âmbito da literatura brasileira, bem como no da literatura universal.

O estudo da História da Literatura dá aos alunos a possibilidade de conhecimento relacional com outras áreas do saber, devido a sua natureza simultânea de arte/ciência. Análise, crítica e teoria são bases imprescindíveis ao trabalho do professor/aluno da História da Literatura. A análise de cunho científico tem relação com outras ciências; a crítica ligada à arte, completa-se com a análise e com a teoria na valoração das obras lidas pelos alunos. É preciso não esquecer que o sentido da História está ligado desde sua origem a essas três bases, e é assim que o professor deve relacioná-los, numa cadeia de continuidade/descontinuidade, sistematizando-os numa perspectiva, artística, científica e filosófica.

O objetivo tem sido o de mostrar as mudanças das formas do discurso. Nessa visão diacrônica, a História da Literatura mostra as transformações dos sistemas, e

assim, da sociedade e do homem. «Ciência das transformações e não das sucessões» (1:52), o que interessa é fazer aparecer a evolução da série literária simultaneamente às séries vizinhas, tais como sociológica, política, econômica, geográfica, histórica, etc., a fim de se colocar a literatura integrada num todo cultural.

Gérard Genette, teórico da literatura, em seu livro **Figures III** (2) abre a perspectiva de uma distinção entre História da Literatura (disciplina didática, de caráter biobibliográfico), História Literária (disciplina de relação da literatura com outras séries culturais) e História das Formas Literárias (disciplina que estuda o discurso literário) tendo sido trazido à nossa realidade por Gilberto Mendonça Telles na seguinte proposta:

«nos primeiros tempos do Ensino Superior, nas Faculdades ou Institutos de Letras, o conhecimento biobibliográfico deverá ser dinamizado de modo a relacionar-se com outros códigos culturais, assim como faz Wilson Martins na sua **História da Inteligência Brasileira**, oferecendo através desse relacionamento toda a cisão complexa dos períodos, bem como as causas intelectuais de sua ascensão, de seu apogeu e de seu declínio, na passagem para o período seguinte». (1:55)

A chamada é feita às escolas de letras, mas por extensão, e por necessidade, em termos de manejo e organização bibliográfica, às escolas de biblioteconomia.

O historiador francês Gustave Lanson tinha sua parcela de razão, quando afirmava que a história literária, coisa de ensino superior, era um flagelo no ensino secundário. Não compartilho tão radicalmente desse ponto de vista, mas tanto o 1º quanto o 2º graus não exigem leitura suficiente, não estimulam no aluno a ida às biblio-

tecas. Quando o fazem é praticamente sem nenhuma orientação de leitura, e aí mais do que nunca é que se faz sentir a importância da formação literária do bibliotecário, pois ele é responsável pela orientação, já que indicações precisas não foram suficientemente dadas ao aluno.

Saliento, ainda que, quando na Escola de Biblioteconomia, o que se propõe como oferta ao aluno, em seu curso, não é só o acesso ao conhecimento da existência na história, de certo número de autores e de obras, ou mesmo, do conteúdo dessas obras (horas-aula) não permitiriam!), mas um método de reflexão sobre a literatura, na medida em que os alunos caminham em suas **leituras**, e aprendem que a abordagem histórico-literária é também um dos meios de aprendizagem de **leitura**.

Já que não se trata de acumular nomes de autores e obras nas cabeças dos alunos, o trabalho deve estar voltado para a continuidade do aprendizado de leitura. Assim, cabe aproveitar as leituras já feitas, enriquecê-las e despertar nos mais variados níveis, o sentido crítico. Cada leitura se enriquece de outras leituras precedentes. Pesquisa e diálogo fazem a reflexão mais viva, ou melhor possibilitam articular a análise do discurso literário. E é através dessa análise que o aluno pode entrever como o escritor maneja seus signos, como a produção de sentido, a produção do espaço de ficção ou da poesia, entre outras, se obtém pela relação e concatenação dos signos. Ligações múltiplas no interior das diversas séries e dentro da própria série literária e ainda, a vida e a morte dos signos podem ser vistas pelo discurso histórico-literário, no estudo de sua evolução.

É desse estudo diacrônico dos signos, desse sistema de signos sobre o qual devemos melhor refletir para aperfeiçoar métodos e orientações.

Os estudos de literatura, de dez anos para cá foram inteiramente modificados. Contar casos sobre o autor, re-

sumos de obras, biografias de autor já não existem mais a não ser para certos alunos/professores que ainda acham importante fazer relações vida do autor — obra para «explicar» o texto lido. Atualmente, há trabalhos de crítica que partem até mesmo de modelos do pensamento científico. Como é o caso de uma recente pesquisa feita na França por Michel Serres, que encontra na trama romanesca dos Rougon-Macquart, de Emile Zola, o modelo da termodinâmica. Inserção e intervenção de elementos sincrônicos na diacronia, isto é, a prática dos cortes na evolução, para examinar o que acontece, numa época determinada, no conjunto do espaço literário. Mesmo assim, com todo esse avanço do conhecimento, ainda há livros didáticos de literatura (2º grau) que a mostram como se no curso de uma mesma geração, todos os gêneros, formas, linguagens evoluíssem num mesmo ritmo (como se só houvesse um mesmo ritmo!). O modelo de «empilhamento» cronológico está longe de desaparecer, essa é a realidade, também o biografismo e o psicologismo, além da exclusividade dada aos «grandes» textos, e da «beleza» que continua a pôr mesa!

O alerta é esse: é preciso que se dê fim a essa esclerose e a essa limitação da tradição dos métodos de abordagem histórico-literários, e ao arcaísmo de certos programas oficiais. A Lingüística, a Psicanálise, a Antropologia nos ensinam a fazer relações. Para os cientistas, pós-Einstein, a ciência é exclusivamente uma questão de combinatória, descobrir é inventar novas relações entre conceitos científicos. Manter a distinção entre conhecimento científico e conhecimento estético é uma postura ultrapassada, do século XIX.

Por que, então, não utilizar esse novo princípio, fazendo com que os alunos reflitam sobre o modo em que os textos se inscrevem no interior da história da cultura? Ou ainda: por que não fazer com que os alunos pesquisem

os mecanismos da produção e de difusão dos textos em todas as épocas? Qual o funcionamento da imprensa, edição, relações entre os autores e a crítica e os modelos de recepção? Como um texto, numa época dada, modifica o discurso reinante? Como a série interfere juntamente com outras séries e quais são os ritmos dessas interferências?

Esses são alguns pontos de base para discussão e renovação dos métodos de abordagem da História da Literatura. A partir, então, desses dados, amplia-se o **corpus** literário, democratiza-se a literatura e atualizam-se os métodos.

Não coube aqui desenvolver métodos de leitura, em outro artigo, talvez seja possível, mas a tentativa de dar maior espaço para os estudos da História da Literatura no curso de biblioteconomia e denunciar a censura ideológica que pesa sobre nosso ensino de 1º, 2º e 3º graus com relação aos estudos, e às pesquisas que questionam o poder e o saber.

Considerations on the place of History of Literature in the Library Schools curriculum Basis for discussion of reading methods.

BIBLIOGRAFIA

- 1 TELES, Gilberto Mendonça. **A Retórica do Silêncio**. São Paulo. Cultrix, MEC, 1979.
- 2 GENETTE, Gérard. **Figures III**. Paris, Seuil, 1972.